

A TRANSIÇÃO DA FACHADA: DO ECLÉTICO AO ART DECÓ

Luciana Nemer Diniz

Resumo

As fachadas que serão abordadas no presente artigo se referem ao período do final do século XIX aos anos 30 do século passado, fase da transição da economia rural para a urbana, do agrário para o industrial e da monarquia para a república. Ao observar a iconografia da época, a mudança ocorre através de elementos da arquitetura que alteram a linguagem e a tipologia das construções sem, no entanto, alterar o ritmo visto que nos centros históricos a herança urbana dos lotes estreitos do período colonial o fazia permanecer. Como as fachadas fecham o espaço urbano da mesma forma que as paredes delimitam internamente os ambientes, essas o fecham em um ritmo constante gerando espaços onde é usual perceber efeitos compositivos como a repetição, a translação, a simetria e o espelhamento de elementos. Nas ruas e avenidas as alterações de fachadas se darão mais pelas esquadrias e adornos do que pela escala e proporção das mesmas.

Palavras-Chave: arquitetura; Art Decó; Eclético; fachada; tipologia.

Abstract

The facades that will be discussed in this article refer to the period from the late nineteenth century to the thirties of the last century, the transition from rural to urban, from agrarian to industrial, and from monarchy to republic. In observing the iconography of the time, the change occurs through architectural elements that alter the language and the typology of the constructions without, however, changing the rhythm since in the historical centers the urban inheritance of the narrow batches of the colonial period made it remain. As the facades close the urban space in the same way that the walls internally delimit the surroundings, they close it in a constant rhythm generating spaces where it is usual to perceive compositive effects as the repetition, the translation, the symmetry and the mirroring of elements. In the streets and avenues the changes of facades will give more for the frames and adornments than for the scale and proportion of them.

Keywords: architecture; Art Deco; Eclectic; facade; typology.

Resumen

Las fachadas que serán abordadas en el presente artículo se refieren al período del final del siglo XIX a los años 30 del siglo pasado, fase de la transición de la economía rural a la urbana, del agrario para el industrial y de la monarquía para la república. Al observar la iconografía de la época, el cambio ocurre a través de elementos de la arquitectura que alteran el lenguaje y la tipología de los edificios sin, sin embargo, cambiar el ritmo ya que en los centros históricos el patrimonio urbano de las parcelas estrechas

del período colonial lo mantuvo. Como las fachadas cierran el espacio urbano de la misma forma que las paredes delimitan internamente los ambientes, éstas lo cierran a un ritmo constante generando espacios donde es usual percibir efectos compositivos como la repetición, la traslación, la simetría y el reflejo de elementos. En las calles y avenidas las alteraciones de fachadas se darán más por las escuadras y adornos que por la escala y proporción de las mismas.

Palabras-Clave: arquitectura; Art Decó; Eclético; fachada; tipología.

INTRODUÇÃO

Na linguagem coloquial a palavra fachada é utilizada em referência à vista principal de um edifício, supostamente a voltada para o logradouro. Sendo um plano de um volume, a fachada corresponde a uma das faces de uma obra arquitetônica. A desvinculação da mesma a volumetria da construção levou a alguns estilos a tratarem de forma independente, acrescentando mais elementos, adornos e informações no sentido de qualificá-la. Este recurso foi combatido pelo movimento moderno, nomeadamente pelos arquitetos ligados ao estilo internacional, no entanto, não completamente eliminado sendo recorrente até os dias atuais.

A conceituação do termo fachada é variada e cabe a interpretação de vários autores que definem termos arquitetônicos. Fachada segundo Pedreira é cada uma das faces de qualquer construção (PEDREIRA, 1996, p. 36), conceito confirmado por Ching ao definir fachada como a frente de um edifício ou qualquer uma de suas laterais para uma via ou espaço público, especialmente aquelas que se distinguem por seu tratamento arquitetônico. (CHING, 1999, p. 83)

Albernaz vai mais além ao afirmar que o caráter da edificação é em grande parte devido as suas fachadas. Lembra a autora que o projeto arquitetônico sempre contém o desenho de todas as fachadas do prédio (ALBERNAZ, 1998, p. 247). No desenho do projeto de arquitetura, o termo também é usado para se referir à vista ortogonal da própria

fachada e mais esporadicamente as faces internas da volumetria e seus elementos, no caso os termos mais adequados são: vistas e elevações. Conforme Pinhal uma fachada, também denominada alçado ou vista, corresponde a cada uma das faces de qualquer construção arquitetônica. (PINHAL, 2018)

Associado ao conceito de fachada está o de fachada livre surgido com o movimento moderno que valorizou todas as vistas externas da edificação apoiado em afastamentos que o permitiam a tecnologia do concreto armado. Albernaz descreve fachada livre como a que apresenta elementos estruturais capazes de atender a qualquer intenção plástica e funcional. Sua utilização se tornou possível com o uso de estrutura independente onde elementos estruturais não constituem elementos de vedação. (ALBERNAZ, 1998, p. 248)

O recorte temporal deste trabalho não abrange o período da arquitetura moderna, logo se utiliza ainda do termo frente. Para Albernaz fachada principal é a da frente do edifício, em geral voltada para a via pública, com tratamento diferenciado e os acessos principais. Quando o prédio possui mais de uma fachada voltada para via pública, a principal é a que dá frente para o logradouro de maior importância. É também chamada de frente e, particularmente em edificações antigas, frontaria ou frontispício. (ALBERNAZ, 1998, p. 248)

Pela visão do desenho arquitetônico a fachada é a representação gráfica de planos externos da edificação. Vista que

exibe o aspecto externo do prédio. Presentes em todas as fases de um projeto, do estudo preliminar ao projeto executivo o desenho da fachada vai crescendo em complexidade. Dos primeiros riscos a mão livre as mais elaboradas instruções para construção do edifício. Os desenhos de fachada definem as especificidades dos materiais externos, o funcionamento das esquadrias, as texturas e as cores.

De acordo com a NBR 6492 uma representação de fachada em nível de projeto executivo deve apresentar: “simbologias de representação gráfica; eixos do projeto; indicação de cotas de nível acabado; indicação de convenção gráfica dos materiais; marcação e detalhes; escalas; notas gerais, desenho de referência e carimbo e marcação dos cortes longitudinais ou transversais.” (ABNT, 1994, p. 9)

Na linha da composição formal as fachadas passam a gerar planos. O plano é por sua vez constituído pela união de linhas, sendo desprovido de volume, possuindo apenas largura e comprimento, é a representação terminal para formas bidimensionais. Logo, ao analisar a fachada arquitetônica, se analisa também o limite entre o bidimensional e o tridimensional, a linha que ora contrasta com o espaço não cerrado pelo volume - o fundo e ora com volumes adicionados ou retirados do volume principal (quando a fachada deixa de ser um plano contínuo e passa a apresentar recortes nesse plano).

Efeitos de luz e sombra são realçados quando ao plano são acrescentados ou deduzidos volumes, é o que Ching nomeia de adição ou subtração. De

acordo com o autor o volume sofre uma transformação ao se adicionar elementos ao mesmo ou subtrair uma porção. A natureza do processo, a extensão, o número de elementos acrescentados ou retirados determinam se a identidade da forma inicial será alterada ou mantida. (CHING, 2013, p. 48)

No momento em que ocorrem transformações volumétricas também são alterados os planos – as fachadas. “Em determinadas circunstâncias, a forma volumétrica assume papel de maior relevância em comparação com outros sistemas da arquitetura tomados em conta no projeto”. (COLIN, 2000, p.55) A forma comparada a estrutura e a função passa a ser primordial aos temas arquitetônicos voltados para edifícios institucionais e marcos comemorativos, dessa forma exigindo uma volumétrica marcante dada entre outros recursos por um espaço conveniente no entorno para observação da mesma.

O pensamento de Colin também se estende as fachadas uma vez que são partes integrantes da volumetria. Acrescenta o autor que na ocorrência de implantação do edifício num contexto fraco, ou seja, pouco construído ou sem elementos naturais marcantes torna-se mais importante o realce da forma volumétrica. (COLIN, 2000, p.55)

A fachada do edifício carrega a responsabilidade de ser marcante e não apenas um elemento de fechamento do espaço interno. A frente de um prédio pode então ser lida como o plano de uma parede externa que define pátios, praças,

ruas e locais de agrupamento considerando-se que durante séculos as fachadas urbanas eram erguidas nas testadas dos lotes. Nos períodos históricos do Ecletismo e do Art Decó é visível esta solução seja por exigências das posturas municipais ou pela baixa oferta de terra em áreas centrais urbanizadas.

FACHADAS NO ECLETISMO

O ecletismo iniciado no fim dos XIX avançou pelas primeiras décadas do XX e popularizou propostas européias. A sociedade brasileira passava por um período de transformações econômicas, políticas e sociais que levaram a mudanças nos padrões de construção. As cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo refletiam em suas fachadas e no urbanismo influências francesas.

O neoclassicismo e o Romantismo, comuns a todo o Ocidente, fundiram-se na segunda metade do século XIX numa mescla estilisticamente múltipla e morfologicamente indefinível: o Ecletismo Internacional, produto do intercâmbio de influências – nos usos e costumes, na literatura, nas artes em geral, na arquitetura, provocados pelos novos meios de comunicação introduzidos pela Revolução Industrial: barcos a vapor (que começaram a trafegar regularmente entre a Europa e o Rio de Janeiro na década 1850-60), telégrafo submarino (inaugurado entre aquele continente e a mesma cidade em 1874) mais tarde, cinema, etc. -, intercâmbio ainda intensificado pelo hábito das viagens, cada vez mais

frequentes e seguras, e pelo gosto e melhores meios de divulgação dos estudos históricos, de que a Revolução Industrial foi paradoxalmente uma das causas. (SANTOS, 1981, p. 69)

Era necessário trazer as comodidades da vida urbana que as elites já conheciam e, na Europa, caracterizavam a vida civilizada e moderna. No Brasil a modernização revelava-se um novo campo de investimento e um mercado promissor. Fábricas foram construídas e se constituíram empresas de serviços urbanos com subscrição de capital de acionistas nacionais ou estrangeiros, o comércio expandia-se com o fluxo de capitais e mercadorias importadas.

Para os edifícios produtos industrializados em escala crescente e novos métodos e processos de construção, que independentemente de questões de estilo, foram impondo sua presença refletindo a nova era, a Industrial. No Ecletismo os arquitetos iniciam o pensamento de soluções funcionais baseadas em organogramas e o aprimoramento da composição estilista através da melhoria dos elementos construtivos dentre eles esquadrias e gradis refletindo numa diversificação nas fachadas como apresentado na figura 1.

Afirma Reis Filho que as transformações eram tão importantes, em faces das tradições, que em certos lugares foi necessário alterar o código municipal que de acordo com as tendências do urbanismo colonial obrigava as construções a serem edificadas sobre o alinhamento das vias. (REIS FILHO, 1970, p. 45-46)

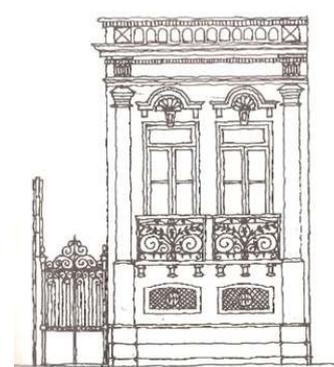


Figura 1: Fachada Eclética. Fonte: REIS FILHO (1970, p. 47)

O ecletismo, influenciado pelo romantismo (corrente anterior), pela doutrina positivista e pela visão historicista fazia uso de ornamentação para melhoramento dos prédios dentro de uma preocupação formal com os detalhes da fachada e um verdadeiro “apego” pelo ornamento.

As casas geminadas, como a da figura 1 tornam-se comuns. Santos destaca que as mesmas são quase sempre deslocadas de um e outro lado ficando as escadas ao centro. (SANTOS, 1981, p. 71) Muitas vezes o acesso lateral era coberto por vidro apoiado em armação de ferro sobre uma escada com degraus de mármore ou nas soluções mais simples de granito ou alvenaria.

“O imóvel caracterizado como “do início do século” pelo Instituto Municipal de Arte e Cultura do Rio de Janeiro apresenta fachadas ricamente adornadas com azulejos, cantaria, colunas, pilastras, gradis e ornatos distribuídos por entre embasamento, corpo e coroamento. (IMAC, 1985, p.6) Esses elementos adornam a fachada plana do edifício eclético, que como na figura 2, se espalham por entre efeitos de repetição, translação, simetria e espelhamento.

A riqueza de detalhes influenciava diretamente no custo o que levou inicialmente as obras ecléticas pertencerem à elite que contratava arquitetos formados pela Escola Real de Ciências, Artes e Ofícios bem como qualificados mestres de obras. O estilo Eclético demandava conhecimentos de história, geografia, desenho e técnicas construtivas.

As classes mais abastadas iniciaram o processo de desvinculação habitacional em relação aos antigos centros e as classes proletárias também, estas, seguindo na direção da oferta de transportes, os subúrbios. Porém até mesmo nos subúrbios detalhes do estilo Eclético eram encontrados nas fachadas assim como nas vilas higiênicas (figura 2) e vilas operárias.

“Começam a se delinear planos diferentes, ornamentos nas fachadas, novas soluções de telhados, escadas, varandas, sacadas, entre outros. Neste processo de emburguesamento, as casas das vilas das classes médias, ao receberem tratamento de casas isoladas, também apresentam as mesmas soluções plásticas das casas unifamiliares. A partir de então podem ser identificados alguns detalhes de diferentes estilos arquitetônicos, desde o Neoclássico até o Eclético e o *Art Nouveau*.” (VAZ, 2002, p.117)

Nos centros urbanos eram comuns os conjuntos de casas com entrada pela lateral. Nos lotes estreitos da herança colonial, as residências eram alongadas na profundidade devido a pouca frente o que transformava uma quadra numa repetição constante de fachadas simétricas gerando um ritmo regular. As aberturas voltam-se na sua maioria para as laterais tendo a fachada principal duas janelas ou portas balcão, logo as residências se abriam para três fachadas: a principal ricamente adornada, a lateral muitas vezes agraciada com um jardim e a dos fundos, do serviço.



Figura 2: Vila Rui Barbosa – acesso Rua dos Inválidos. Fonte: BACKHAUSER, (1985, p. 185)

As residências maiores se implantavam afastadas dos vizinhos e os jardins passaram a constituir um novo elemento na arquitetura residencial melhorando as condições ambientais no que se refere à iluminação e à ventilação. As casas das famílias mais abastadas ocupavam o centro do terreno e se elevavam sobre um porão alto aumentando o conforto ambiental. De acordo com Reis Filho estas ofereciam aos arquitetos a possibilidade de composições relativamente complexas e a oportunidade para uma complicada ornamentação, onde se mesclavam os mais variados motivos da linguagem arquitetônica sancionada pela Academia. (REIS FILHO, 1970, p. 174)

O Ecletismo se populariza em suas propostas e as fachadas cobertas por adornos e detalhes apresentam referências históricas em compeiras nas cimalhas, monogramas nas portas de entrada, pilares e jarros, flores e ano da construção na platibanda criando efeitos de beleza.

Segundo Colin o ecletismo misturou num mesmo edifício elementos de procedências diversas, seja de tradição clássica, do Oriente Próximo (arquitetura mourisca ou bizantina), ou do Extremo Oriente (Índia, China, Japão) na busca de relações formais. (COLIN, 2000, p. 87)

Conforme Reis Filho o Ecletismo propôs a conciliação de estilos sendo um veículo estético eficiente para a assimilação de inovações tecnológicas de importância. Ao mesmo tempo recobria as paredes com decorações de massa inspiradas no barroco francês e italiano o

que revelava uma licença formal. (REIS FILHO, 1970, p. 169 - 178)

Também a cobertura, elemento que influencia diretamente a fachada sofre grande alteração, deixa a solução de duas águas do período colonial para ser resolvida em quatro águas escondida por platibanda e beiral ao menos na fachada frontal e na lateral, uma vez que eram vistas pelos transeuntes.

Na década de 20 a crise do ecletismo, pelo edifício capitalista passa a exigir uma abordagem tecnológica, e faz surgir o movimento neocolonial nos anos 30 com objetivo de busca pelas raízes e identidades que se refletiram no partido plástico.

A fachada da casa Neocolonial (estilo missões espanhola e luso-brasileira) assim como o estilo Californiano exigiu um novo desenho em planta. No primeiro pela existência de varandas, nichos e balcões com muxarabis. No segundo devido à presença da varanda, uma subtração no corpo do edifício com abertura em arco, assim como de torres cilíndricas e sacadas. Ambos os estilos movimentaram a fachada plana do ecletismo.

FACHADAS NO ART DECÓ

A crise econômica de 1929, com sua dimensão mundial, foi no Brasil a catalisadora de mudanças e da revolução de 30 que levou Getúlio Vargas ao poder e encerrou a República Velha. Com o quadro de intervenção governamental nas questões econômicas, a habitação passou a ter uma força inédita no projeto nacional

desenvolvimentista do novo regime, por ser fundamental para a reprodução da força de trabalho e na formação ideológica dos trabalhadores como já ocorrido na formação das vilas operárias das fábricas, no entanto, neste momento com financiamento estatal e o envolvimento de um maior leque de profissionais. Nesta nova fase a moradia tornou-se um tema de reflexão multidisciplinar; a produção e locação de moradias passam a ser objeto de intervenção governamental e de amplo debate nos meios intelectuais.

Diversas propostas de arquitetos e engenheiros surgiram neste período para reduzir o custo da habitação. Diferentemente dos discursos higienistas, as propostas giravam em torno de simplificação dos materiais de acabamento e diminuição dos pés direitos. A normatização, a racionalização da construção promovendo a estandardização das unidades e simplificação dos sistemas permitiu a produção em série da habitação.

A residência Neocolonial bem como a Californiana apresentava uma riqueza de adornos e recortes nas fachadas com a adição e a subtração de elementos, como descrito anteriormente por Ching que não atendia aos passos da modernidade, da produção em série e da máquina de morar Corbusiana. Para Stott o conceito da casa como “máquina de morar” começou a ser explorado por Le Corbusier após mudar-se para Paris, na década de 1910, quando abriu seu escritório em conjunto com seu primo Pierre Jeanneret. (STOTT, 2017), ou seja, anterior ao período em questão.

Nos anos 30 e 40 vários edifícios de apartamentos foram construídos a partir da síntese formal do Art Decó para serem destinados à moradia dos segmentos da classe média em expansão. Nestes as varandas estariam presentes embora convivessem com terraços descobertos, menos adequados ao clima brasileiro.

De acordo com Albernaz o estilo arquitetônico caracterizado por formas geométricas simples, predomínio da linha reta, adornos com animais e figuras humanas estilizadas, vitrais coloridos, uso de pedra e ferro nos elementos construtivos surgiu na Europa em 1925 como arte decorativa, sendo em seguida incorporado pela arquitetura. O Art Decó buscava compatibilizar técnicas e formalismos do passado com industrialização crescente do momento. No Brasil foi introduzido poucos anos depois e se manteve predominante até final dos anos 40. (ALBERNAZ, 1998, p. 73).

O estilo se fez presente em conjuntos de casas retornando às fachadas planas. Muito empregado nos primeiros prédios construídos nas grandes cidades foi também largamente utilizado em avenidas e vilas operárias, como o ecletismo. O estilo da “fachada lavada”, sem proteção contra sol e chuva incorporou os princípios da nova arquitetura numa versão nativa da “máquina de morar”. A figura 3 – Fachadas das Casas para Operários da Companhia Industrial Fiação e Tecidos Goyanna exemplifica a descrição.

Correia vai mais além ao analisar as Vilas Operárias e Núcleos Residenciais de Empresas no Brasil: no que se refere à configuração arquitetônica destes assentamentos, observa-se a existência de uma variedade de estilos, correlatos aos momentos nos quais as construções foram erguidas. Tais estilos vão de modelos tributários da linguagem clássica e da arquitetura do período colonial até a arquitetura moderna, passando pelo Eclétismo, pelo Art Decó e pelos estilos pitorescos que florescem em fins do século XIX e nas primeiras décadas do XX. (CORREIA, 2008, p. 11)

De acabamento geometrizado, o estilo Art Decó é muitas vezes interpretado como uma reciclagem da casa clássica, haja vista que permanecem os mesmos efeitos de repetição, translação, simetria e espelhamento, porém numa versão “mais limpa” de adornos. A parede recebe pó de pedra e a cor cinza torna-se predominante, no entanto, encontra-se o verde, o amarelo, o azul e o rosa em nuances claras, tendendo ao tom pastel.

Para Colin duas importantes tendências irão sombrear o desenvolvimento do modernismo arquitetônico, a primeira ligada a forte influência do classicismo e a segunda contrária ao modernismo, o Art Decó, como solução de compromisso entre as simplificações geometrizadas das vanguardas e a sensualidade do Art Nouveau e o fausto do classicismo. (COLIN, 2000, p. 129-130)

O Brasil (anos 20 e 30) convive com dicotomias: ideias de esquerda versus

de direita, internacionalismo versus nacionalismo e estado versus mercado. Estão sendo erguidos os pilares da modernidade: surge o rádio, o disco e o cinema falado. Afirmo Santos que a linha moderna iniciada com a literatura, a pintura e a escultura só depois ganhou a arquitetura, em que tudo não passou no Rio de Janeiro, durante a década 20-30 de artigos polêmicos nos jornais e de tímidos ensaios. (SANTOS, 1981, p.88)

A busca da identidade nacional refletida no estilo Neocolonial trazia perguntas: Quem somos? De onde viemos (raízes)? Para onde vamos? Em 1917 foi gravado o primeiro samba: *Pelo Telefone*, e entre 1923 e 1932 surgem as primeiras escolas de samba. Nos anos 20 foi fundada a Universidade do Brasil, em 1922 ocorreu a Semana de Arte Moderna em São Paulo e em 1935 é inaugurada Goiânia, projeto de Attilio Corrêa Lima. A figura 3 apresenta casas para operários nesta cidade onde muitos edifícios foram construídos utilizando-se o estilo Art Decó.

A clara apresentação da identidade nacional se dá na literatura pelas obras: *Casa Grande e Senzala* (1933) de Gilberto Freyre e *Raízes do Brasil* (1936) do historiador brasileiro Sérgio Buarque de Holanda. Na mesma década surge a figura de Carmen Miranda, artista que atuou no Brasil e Estados Unidos até 1950 divulgando a imagem nacionalista no rádio, no teatro de revista, no cinema e na televisão.

O *Teatro Goiânia* é um exemplo paradigmático do período. No corrente



Figura 3: Fachadas das Casas para Operários da Companhia Industrial Fiação e Tecidos Goyanna. Fonte: PHILIP GUNN, (2000)

ano se tornou palco do evento referência no estilo Art Déco: *Goiânia Art Déco Festival*. O teatro, projetado pelo arquiteto Jorge Félix foi inaugurado em 1942. Santos apresenta em sua obra outro exemplo do estilo: o *Teatro João Caetano*, terceira construção teatral no terreno, projeto de Baldassi, Dourado e Gusmão, de 1928, e que segue o estilo *Art Déco* com sua volumetria purista. (SANTOS, 1981, p.98) A figura 4 apresenta o *Cinema Icarai*, sediado em Niterói construído entre as décadas de 1930 e 1940 também em estilo *Art Decó*.

O cinema passa ser a diversão de massa e os construídos no período carregam em sua fachada as linhas do estilo. Ocorre uma espécie de carnavalização da cultura brasileira. Entre os anos de 1925 e 1950 viu-se os pioneiros, o apogeu e os tardios da arte decorativa – o *Art Decó*.

Albernaz afirma que além dos cinemas o *Art Decó* tem também presença marcante em estabelecimentos comerciais e se expressa através do volume geométrico rígido dos edifícios e na ornamentação, em molduras longitudinais retilíneas envolvendo portas, janelas, escadas de caracol e luminárias. (ALBERNAZ, 1998, p. 73)

Descreve Colin que o *Art Decó* é um nome extraído da *Exposition Internationale des Arts Décoratifs et Industriels Moderns* ocorrida em Paris em 1925 e que designa a tendência internacional equidistante das simplificações formais modernistas e da faustosa decoração tradicional. (COLIN, 2000, p. 170)

Santos confirma a afirmação de Albernaz, para ele o *Decorativo* em lugar do *Estrutural* preconizado por Le Corbusier, teve influência particularmente grande nas decorações das lojas e interiores parisienses, de onde se irradiou para todo o Ocidente, inclusive para o Rio. Muitas das lojas cariocas – principalmente as lojas – sala de espera dos cinemas, cafés, sorveterias do centro da cidade, passaram a ser decorados à moda parisiense. (SANTOS, 1981, p. 98)

De fato a arte decorativa migra para Miami (*Art Decó Tropical*), para Pueblo (EUA) e para o Brasil em três linhas dentro da tecnologia do concreto armado e de uma visão cosmopolita que dialoga com a modernidade através da moda, do feminismo e dos transportes (transatlântico e avião). A linha zigzague é escalonada, seca, limpa e geometrizada, baseada no racionalismo. A segunda possui aparência aerodinâmica ou naval dentro da linha do *Streamline* que foi um movimento ligado à morfologia própria das novas tecnologias, apresentando a parte projetiva dos mecanismos internos, ou seja, mais do que encontrar inspiração numa linha de gosto, era ligada a velocidade como afirmação de potência e valor de modernidade. Este estilo passa a se apresentar não somente na arquitetura pelas esquadrias que lembram escotilhas de navio e guarda-corpos tubulares como também em eletrodomésticos. A terceira linha, mais afrancesada, pode ser vista na fachada do edifício Biarritz no Rio de Janeiro (figura 5) que carrega resquícios



Figura 4: Fachada Art Decó do Cinema Icarai. Fonte: opolifônico.wordpress.com (2018)



Figura 5: Fachada Edifício Biarritz. Fonte: Pinterest (2018)

acadêmicos por uma ênfase decorativa e remete ao *Art Nouveau* inglês e austríaco.

A arquitetura de tendências *Art Decó* adotou, com frequência, princípios de hierarquização, expressos em formas escalonadas e na ênfase ao acesso principal. A construção muitas vezes, estrutura-se através de uma composição volumétrica integrando formas geométricas – prismas regulares, elementos cilíndricos, volumes arredondados ou planos, verticais ou horizontais. Entre os recursos que integraram o repertório formal do *Art Decó* na arquitetura encontram-se marquises; balcões em balanço; colunas, frontões, capitéis, pilastras, platabandas e volutas de formas esquemáticas; gradis e caixilhos de metal, inclusive do tipo basculante; ornatos em alto ou baixo relevo, representando formas geométricas, temas florais simplificados, linhas retas, em ziguezague, ou linhas espirais. Os vãos surgem retangulares, circulares, escalonados ou acompanhando as superfícies curvas das quinas nas fachadas. (CORREIA, 2008, p. 51)

É possível afirmar que o *Art Decó* se situou temporariamente entre o Tardo Eclético e o Proto Modernismo alterando completamente a linguagem das fachadas dos edifícios residenciais, comerciais e institucionais.

CONCLUSÃO

A conceituação do termo fachada colaborou neste trabalho no sentido interpretativo do elemento arquitetônico

responsável pela transição entre o público e o privado. O que de fato é uma fachada, seja pela significação precisa, pelo viés do desenho de arquitetura ou da composição formal (puramente pela interpretação compositiva do plano com o fundo e do plano em relação ao volume a que pertence).

As fachadas do Eclétismo trouxeram uma reflexão a respeito do adorno, da composição simétrica, repetitiva, espelhada e transladada altamente influenciada por referências francesas que se instalou na arquitetura da virada do século XIX para o XX em palacetes, residências de famílias abastadas, conjuntos de casas e vilas operárias, em cada qual dentro dos limites físicos e orçamentários.

O *Art Decó* nas fachadas apresenta a simplificação dos adornos sobre o mesmo plano do Eclético, o mesmo tamanho e proporção de fachada, no idêntico lote de herança colonial, tendo em vista que a técnica construtiva do concreto armado ainda se encaminhava nacionalmente. O geometrismo e a redução dos detalhes permitiram a produção da habitação em larga escala. O *Art Decó* também se tornou o estilo adotado pelas casas comerciais.

Independentes do desenho da fachada todas refletiram o período histórico pela arquitetura. O desejo de exibir ao público ares de modernidade valorizou as propostas visuais em função do comportamento da sociedade, no entanto, em termos funcionais, as mudanças só se concretizaram em planta com a chegada do modernismo.

A planta da casa ou do edifício é praticamente a mesma do Eclético ao Art Decó, meio século de arquitetura a caminho da modernidade que se concretiza de fato com a chegada do movimento do mesmo nome, que trazia a planta livre, o teto-terraço, os pilotis, as esquadrias livres e as grandes aberturas modificando

o projeto e interferindo na linguagem plástica das fachadas, permitindo um grande avanço em termos formais.

Do Eclético ao Art Decó é a transição do gosto do aristocrático e do popular, dos materiais importados e aos nacionais e a transição entre o “arcaico” do Colonial ao “inovador” do Movimento Moderno.

REFERÊNCIAS

- ALBERNAZ, Maria Paula. **Dicionário Ilustrado de Arquitetura**. São Paulo: ProEditores, 1997-1998.
- ABNT - ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6492: Representação de Projetos de Arquitetura: Procedimento**. Rio de Janeiro, p. 27. 1994.
- CHING, Francis D. K. **Arquitetura: Forma, Espaço e Ordem**. 3ª edição, Editora Bookman, 2013.
- CHING, Francis D. K. **Dicionário Visual de Arquitetura**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- COLIN, Silvio. **Uma Introdução à Arquitetura**. Rio de Janeiro: UAPÊ, 2000.
- CORREIA, Telma de Barros Org. **Forma Urbana e Arquitetura de Vilas Operárias e Núcleos Residenciais de Empresas no Brasil**. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2011.
- IMAC – INSTITUTO MUNICIPAL DE ARTE E CULTURA. **Corredor Cultural: como recuperar, reformar ou construir seu Imóvel**. Rio de Janeiro: RIOARTE / IPLANRIO, 1985.
- PEDREIRA, Livia. **Dicionário da Construção**. São Paulo: Editora Abril, 1996.
- PINHAL, P. **O que é Fachada? – Terminologias Arquitetônicas**. Colégio de Arquitetos. Disponível em < <http://www.colegiodearquitetos.com.br> > Acesso em: 11 maio 2018.
- REIS FILHO, Nestor Goulart. **Quadro da Arquitetura no Brasil**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1970.
- SANTOS, Paulo F. **Quatro Séculos de Arquitetura**. Rio de Janeiro: IAB, 1981.
- STOTT, Rory. **Em foco: Le Corbusier**. Disponível em: < <https://www.archdaily.com.br> > Acesso em: 14 ago. 2018.
- VAZ, Lillian Fessler. **Modernidade e Moradia – Habitação coletiva no Rio de Janeiro séculos XIX e XX**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2002.

Luciana Nemer Diniz é doutora em Engenharia de Produção e professora da EAU e do PPGAU UFF | luciana_nemer@ig.com.br